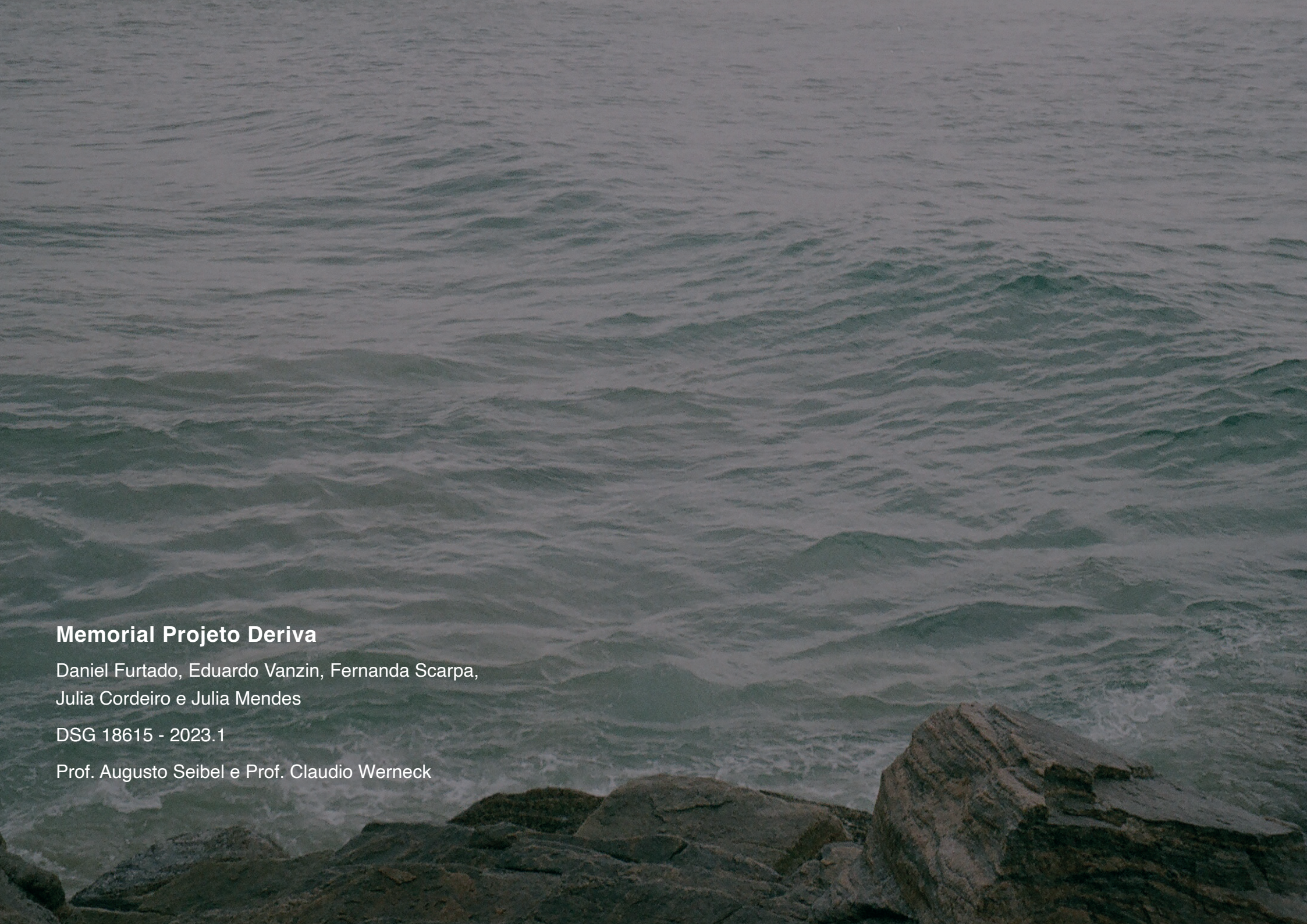


deriva



Memorial Projeto Deriva

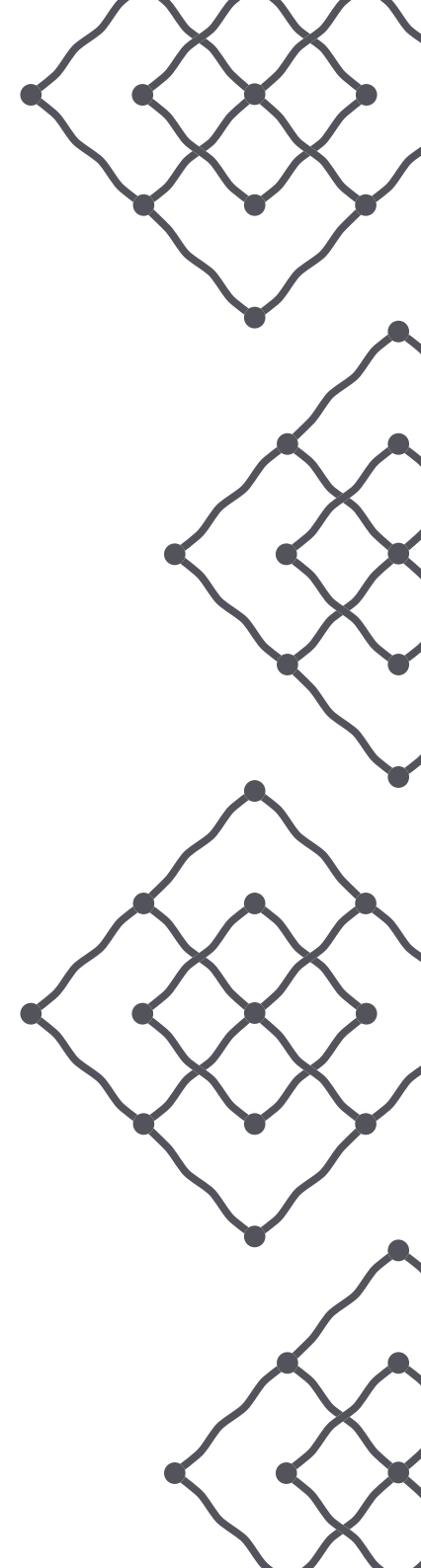
Daniel Furtado, Eduardo Vanzin, Fernanda Scarpa,
Julia Cordeiro e Julia Mendes

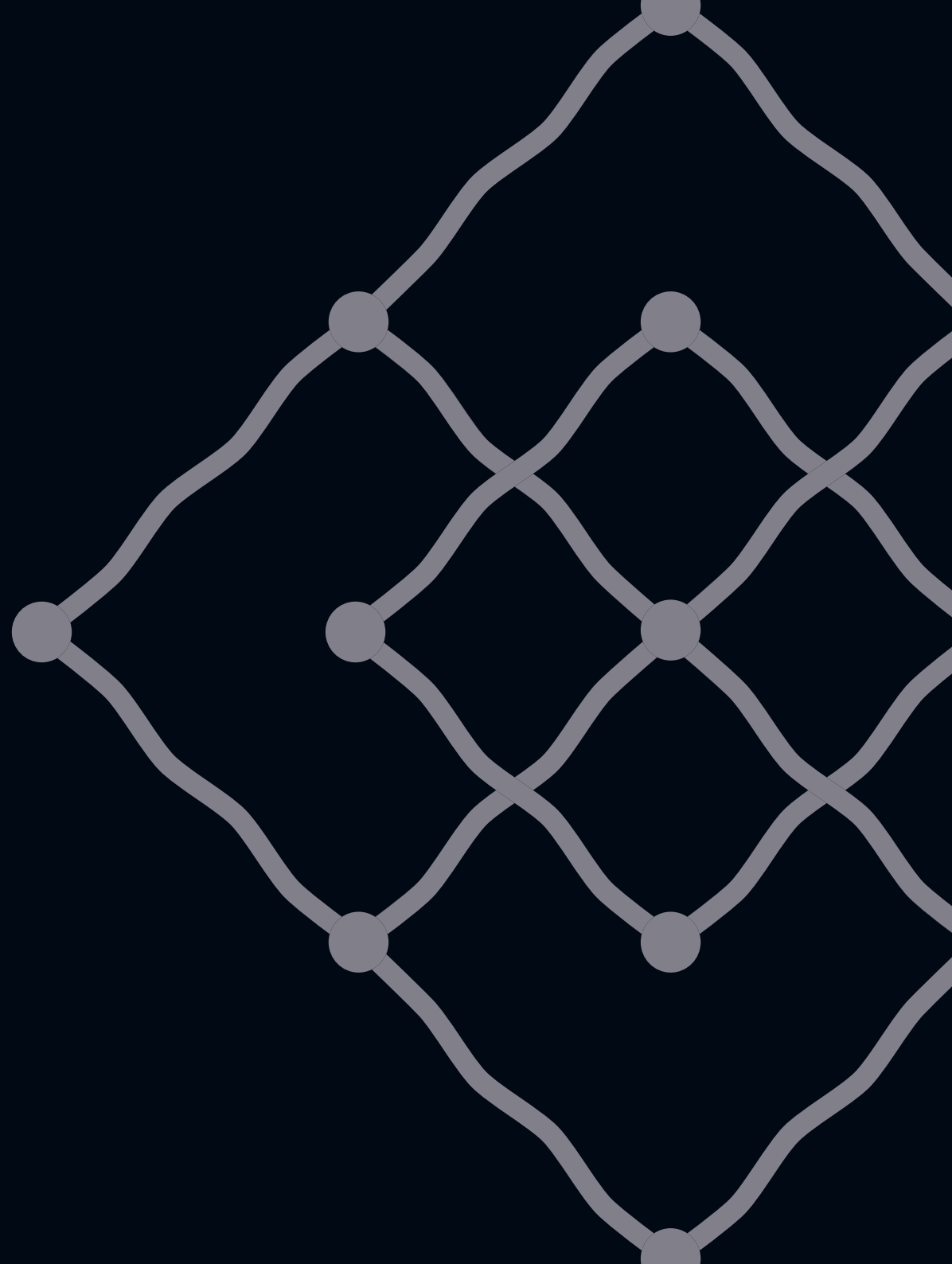
DSG 18615 - 2023.1

Prof. Augusto Seibel e Prof. Claudio Werneck

sumário

<i>_contextualização</i>	04
<i>_entrevistas</i>	08
<i>_pesca fantasma</i>	12
<i>_estúdio deriva</i>	14
<i>_parcerias</i>	18
<i>_produtos: pescador</i>	22
<i>_experimentações</i>	27
<i>_impacto gerado</i>	30
<i>_depoimentos</i>	32
<i>_agradecimentos</i>	35





contextualização

O oceano é a maior parte do nosso planeta, abrangendo mais de 71% do globo e responsável por mais da metade do oxigênio que respiramos. Ele desempenha um papel crucial regulando o clima do planeta, abrigando uma ampla biodiversidade, nos dando energia, alimento e promovendo nossa saúde e bem estar. No entanto, hoje continuamos enfrentando ameaças alarmantes para sua preservação - de graves impactos aos ecossistemas marinhos principalmente, e consequentemente para nós, seres humanos.

A Década da Ciência Oceânica para o Desenvolvimento Sustentável surge então da urgente necessidade de se agir em prol da saúde dos oceanos. Declarada pela ONU em 2017, busca, de 2021 até 2030, promover ações de pesquisas, conservação e uso sustentável dos mares e recursos marinhos. Atualmente, ao mínimo 69 mil animais marinhos são ameaçados diariamente no território brasileiro por petrechos de pesca abandonados, perdidos ou descartados (PP-APD) nos oceanos. Estes artigos são denominados petrechos fantasmas, um termo derivado da ameaça da **Pesca Fantasma** - onde nossa pesquisa se encontra, dedicada ao entendimento e mapeamento da questão. O termo engloba a ação dos equipamentos que, ainda no fundo dos mares, continuam cumprindo sua função de captura. Acabam aprisionando, sufocando e, eventualmente, matando milhões de animais marinhos - desde baleias até pequenos crustáceos. Deve-se também atentar ao fato da pesca fantasma ser cíclica - a alta durabilidade dos petrechos os torna uma ameaça de alto risco por muitos anos à frente. Para além da contínua captura, o microplástico derivado de sua decomposição amplia ainda mais o impacto prejudicial ao meio ambiente.

Embora seja um assunto de extrema importância e de grave impacto ambiental, nota-se que a questão não é amplamente discutida em esferas além daquelas diretamente envolvidas em seu combate. Por isso há urgência de atuação no desenvolvimento de alternativas para a redução dos impactos deste cenário - caso contrário, só haverá espaço para o agravamento contínuo de seus danos, sem previsão de melhora.



14 VIDA NA ÁGUA



2021 United Nations Decade
2030 of Ocean Science
for Sustainable Development

Tendo a contextualização do problema em vista, é notório que seus impactos prejudicam diretamente a viabilidade da atividade pesqueira; seja essa a artesanal, industrial ou ilegal.

A **ilegal**, como o nome sugere, ocorre sem autorização ou em desacordo com as regulamentações estabelecidas. Realizada por aqueles que operam à margem da lei, torna-se difícil rastreá-la e monitorá-la de maneira precisa, assim como obter dados confiáveis.

Já a **pesca industrial** é conduzida em larga escala, com grandes embarcações e equipamentos avançados.

A **pesca artesanal**, por sua vez, trata de trabalhadores que levam a tradição da pesca como forma de vida, trabalho e, principalmente, de sobrevivência. Dependem do oceano para seu próprio sustento e de suas comunidades, utilizando embarcações pequenas e médias para realizar seu trabalho. Traçados como nosso público alvo, pode-se observar que a pesca artesanal desempenha um papel fundamental no desenvolvimento econômico da população costeira, contribuindo fortemente para a economia local.

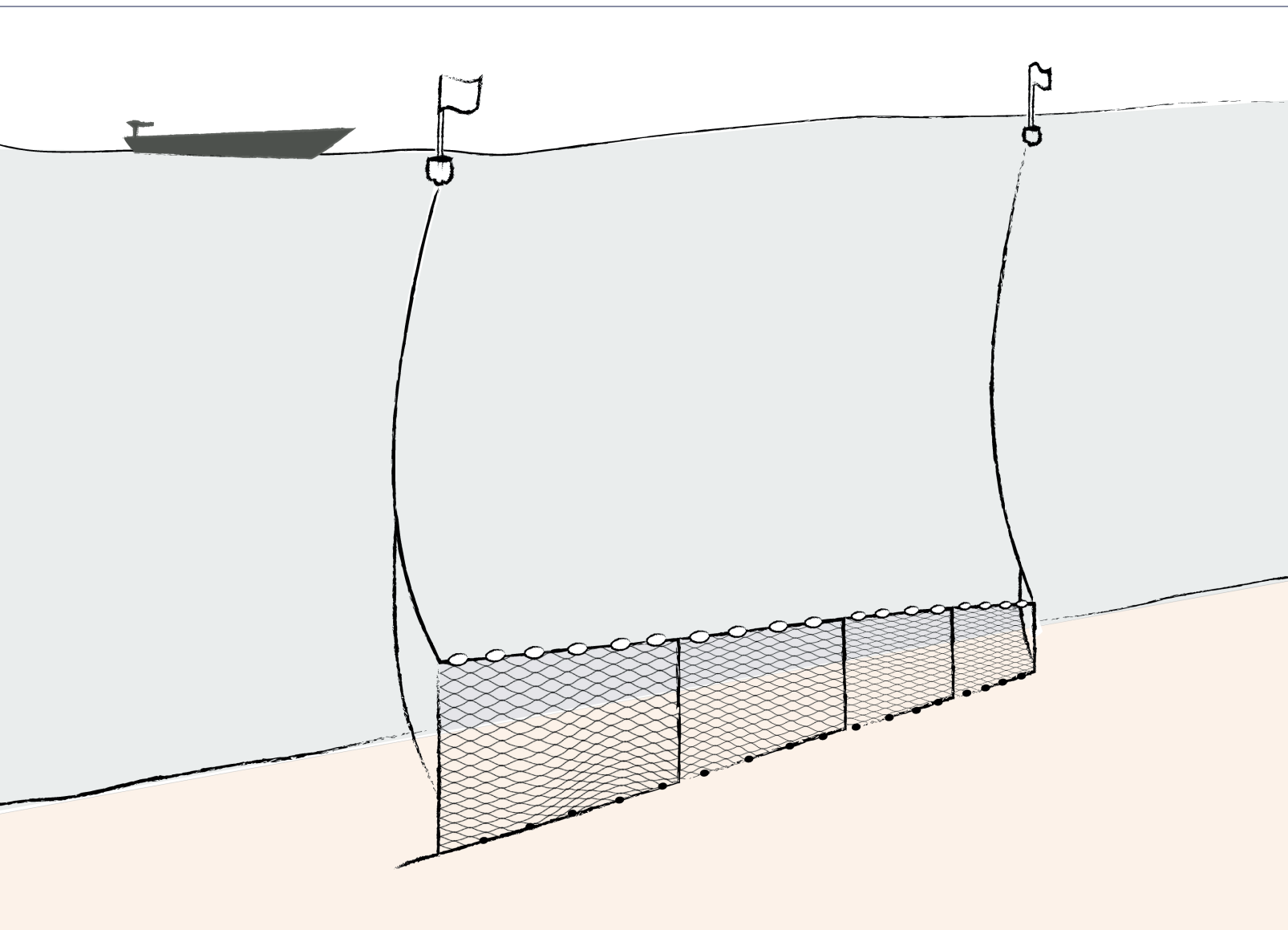
Analisando de maneira mais aprofundada, é claro o seu fomento à ampla geração de empregos - além dos próprios pescadores artesanais, surge a oportunidade daqueles que indiretamente trabalham para sua realização. Sejam esses a construção e reparo de barcos, fabricação dos equipamentos necessários para a realização da atividade, até mercados e peixarias - o que dialoga com seu papel no fortalecimento da economia local. O pescado é geralmente vendido diretamente para mercados e comerciantes locais, reforçando-a, uma vez que o di-

nheiro gerado acaba por circular dentro da comunidade.

Além disso, apesar de não ser uma área livre de regulamentações, é um setor que oferece uma burocracia de qualificação menos rigorosa quando em comparação com outras indústrias, adquirindo, de certa forma, um caráter inclusivo à profissão.



Foto: Ministério da Pesca e Aquicultura



Representação digital do sistema da rede de espera

A regulamentação pesqueira, as condições locais, espécies-alvo e outros fatores são determinantes para a escolha do tipo de rede a ser utilizada. Dentre as possibilidades, como as de arrasto, cerco e tarrafa, seguimos nossa pesquisa com a rede de espera, haja vista que, de acordo com o nosso mapeamento, é a mais utilizada pelos pescadores artesanais, por ser mais acessível financeiramente. São porém, justamente por esta razão, as redes com maior potencial de danificação e descarte impróprio.

As redes de espera são estruturadas no mar junto a bóias, sinalização e pesos, formando uma barreira que direciona os peixes para o interior da rede, podendo permanecer no local por longos períodos de tempo - até os pescadores retornarem para coletá-la. As bóias permitem a flutuação necessária para sustentar a rede, enquanto os pesos são utilizados para ancorar sua parte inferior, garantindo em conjunto que permaneça esticada na água.



entrevistas

Parte essencial para a realização do projeto foi a colaboração, acompanhamento e convivência frequente dos pescadores artesanais - dentre eles, Paulinho e Luís. Pescadores das Colônias do Recreio e da Praia dos Amores, respectivamente, mostraram-se sempre envolvidos e interessados, possibilitando uma maior compreensão da nossa parte pela perspectiva de quem vivencia o problema diariamente há anos. Tivemos a oportunidade de ouvir de forma genuína e direta, compartilhando informações e experiências.

Através de uma boa relação estabelecida, tornou-se possível com que a troca de conhecimento fosse genuína e engrandecedora, uma vez que forneciam opiniões sinceras sobre as propostas apresentadas desde o início, possibilitando o entendimento de quais realmente fariam sentido - não somente para os pescadores, mas também para a preservação dos oceanos, levando em consideração a viabilidade de implementação.

Tornou-se claro, também, por meio de nossas conversas, como os pescadores não têm a intenção de causar danos aos ecossistemas marinhos. Sua familiaridade com os oceanos se dá justamente por respeitarem seu ambiente de trabalho - valorizam sua preservação mais do que ninguém. No entanto, é importante entender que muitas vezes os pescadores enfrentam desafios econômicos que influenciam suas escolhas - escolhas estas que, infelizmente, podem vir a prejudicar os mares. Por não conseguirem seguir com práticas mais sustentáveis (devido aos altos custos envolvidos) e pela desvalorização de sua profissão, acabam precisando encontrar soluções viáveis e acessíveis, ainda que signifique improvisar recursos - aumentando a chance de deterioração do material e, conseqüentemente, poluição dos mares.



Pescador desde os 13 anos por tradição familiar, **Paulo Magno**, conhecido como “Paulinho”, é pescador artesanal profissional há 38 anos e tem sua peixaria localizada na Associação dos Pescadores do Recreio dos Bandeirantes (APREBAN), a qual tem como lema “O mar é nosso chão, o peixe nosso pão”. Desde o período passado foi estabelecido um contato frequente entre o grupo e Paulinho, que foi importante para a tomada de grande parte das decisões projetuais.

Na época, Paulinho compartilhou conosco informações de extrema importância para a realização de nossa pesquisa, e com a continuidade do projeto neste semestre, foi feito um contato ainda mais frequente, porém agora com um olhar mais atento ao cotidiano e com o intuito de mapear de maneira mais aprofundada cada ponto de pesca. Assim, foi observado que na APREBAN existem cerca de 6 barcos em funcionamento, os quais contam com 2 a 3 pescadores. Paulinho contou que o número de pescadores vem caindo conforme o passar das gerações, mas o grupo notou que ele está buscando se atualizar para não ficar para trás, atualmente está expandindo seu negócio para o delivery.

Sobre danos e descartes, Paulinho comentou que não existe uma frequência certa de descarte dos panos das redes, mas comenta “todo dia um buraco na rede”. Falando sobre perdas de redes, ele explica que a bandeira é um importante elemento para sinalizar visualmente a localização da rede e que quando não há uma fiscalização adequada da corda de coita (âncora) e da corda da bandeira, ocorrem situações de perda. Outra questão relatada também foi o fato de que pela ação da correnteza e do vento, às vezes ocorre da bandeira tombar no mar e demorar para retornar para a posição correta, o que dificulta o encontro da rede.



Luís Coutinho, pescador artesanal desde os 16 anos e mergulhador amador, trabalha na Associação de Pescadores Livres e Amigos da Barra da Tijuca e foi uma pessoa também essencial para a continuidade do nosso projeto. Assim como Paulinho, Luís sempre se mostrou aberto ao diálogo e contribuiu para que o projeto se direcionasse para um caminho coerente, sem que fugisse dos seus princípios. Sabíamos da possibilidade de não se mostrar convidativo ao projeto - o sentimento de medo é compreensível quando algo parece tratar de mudanças na estrutura de sua tradição. Porém Luís, além de grande ouvinte, fazia questão de nos contar suas experiências, visões de mundo e preocupações quanto à preservação dos oceanos. Como afirmou para nós, o mar se fez presente em sua vida desde que se entende como pessoa - é seu meio de trabalho e sua conexão mais forte com a natureza. Além disso, proporcionou o contato mais a fundo com todos os materiais de uso diário para os pescadores em sua colônia, assim como as relações que ali se formam, fazendo com que não só compreendêssemos a estrutura do local, como também entendêssemos o cotidiano de cada um que ali se faz presente.



*Bruno Temer
Designer e
Engenheiro Ambiental*



*Arian Rayegani
Engenheiro Mecânico
Fundado da Pangeia Lab*



*Renato Carreira
Oceanógrafo
Coordenador do Laboratório de Estudos
Marinhos e Ambientais da PUC-Rio*



*FIPERJ
Fundação Instituto de Pesca
do Estado do Rio de Janeiro*



*Projeto de Monitoramento
de Praia da Baía de Santos*



*Miguel Mello
Biólogo e pescador esportivo
Secretário da Associação dos Surfistas
e Amigos da Prainha*



*Leonardo Jarlicht
Designer
Sócio fundador da Vaique*



*Luiz Miguel Casarini
Projeto Petrechos da Pesca
Perdidos no Mar*



*Caio Salles
Jornalista e ativista socioambiental
Coordenador do projeto Verde Mar*



*Beatriz Mattiuzzo
Fundadora da Marulho*



*Monique Roque
Designer
Estação Coral Sol*



*Maria Fernanda Bastos
Fundadora da Redinha*



*Filipe Oliveira
Eco Local Brasil*



*Ricardo Vivian
Mergulhador profissional*




pesca fantasma

problemática

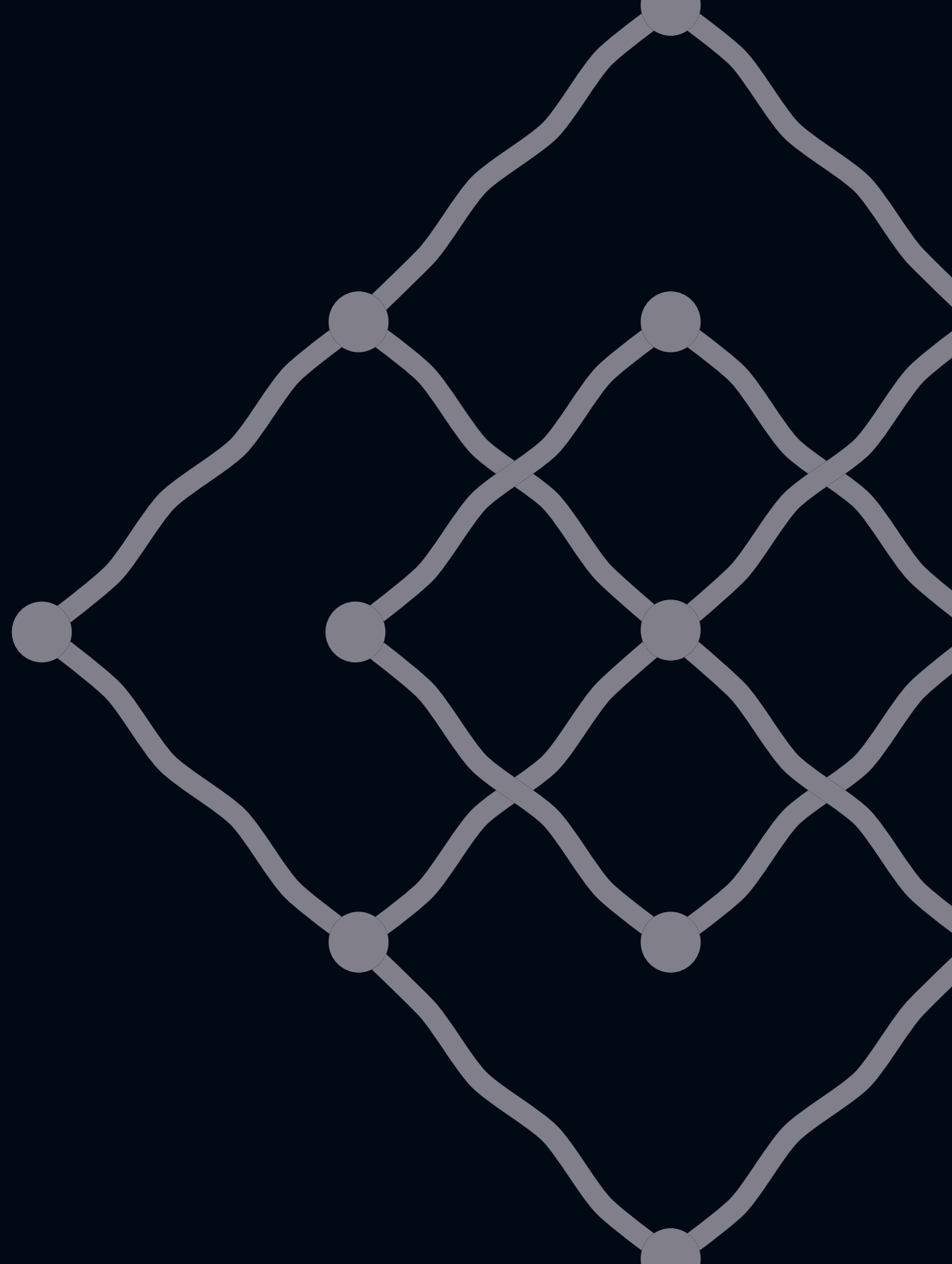
Quando realizado o mapeamento da problemática, identificamos algumas razões pelas quais as redes são danificadas, perdidas ou abandonadas. Uma delas é a ocorrência de colisões com embarcações devido à falta de sinalização adequada, causando rasgos e rompimentos em suas estruturas. Outros fatores são o emaranhamento em pedras e recifes, o encontro com materiais arrastados pela correnteza -como cascalhos ou destroços de barcos-, força d'água ou condições climáticas adversas, por exemplo. Nessas situações, ora os pescadores não são capazes de recuperar as redes, ora optam por abandoná-las a fim de evitar maiores prejuízos ou por questões maiores de segurança.

Podemos, então, perceber que tais circunstâncias determinam o destino das redes. Como dito, podem acabar abandonadas à deriva nos oceanos, assim como deixadas nas praias, onde acabam se acumulando como resíduos, ou descartadas em aterros sanitários, uma vez que, mesmo recuperadas, tornam-se inutilizáveis devido aos danos. De acordo com a nossa pesquisa, vimos também um aumento da prática do upcycling com a malha das redes, o que é uma abordagem inteligente e válida para o problema. Entretanto, quando analisada a quantidade de redes que são descartadas, nota-se que essa alternativa não dá vazão para o volume.

Dessa forma, após a análise do cenário atual que cerca esse problema, chegamos ao objetivo que traz uma nova abordagem em relação ao que já é feito, surgindo, então, nossa proposta: ***Deriva***.



Agregar valor à segunda vida do nylon, recompensando os pescadores engajados em retornar esse material para o destino adequado, a fim de reduzir a presença das redes de pesca no mar.



estúdio deriva

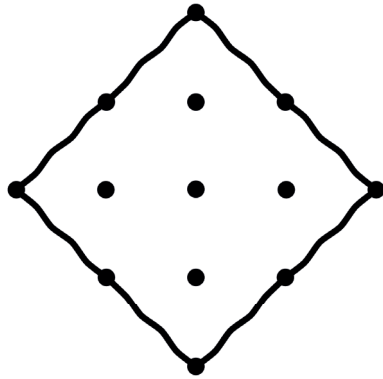
◆ quem somos?

Um novo destino para as redes de pesca que se encontram à deriva no mar e nas areias - uma nova proposta para o mercado.

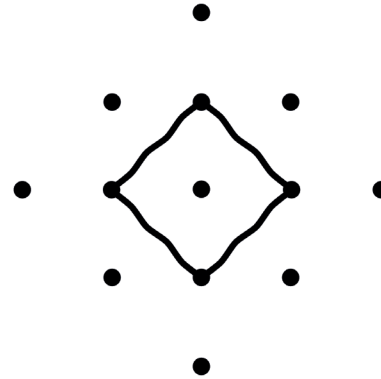
Deriva é um estúdio que desenvolve soluções de design derivadas da rede de pesca. A partir de conexões entre pessoas e setores, nosso objetivo é, como dito anteriormente, proporcionar uma segunda vida ao nylon, assim como benefícios para o pescador artesanal, a fim de combater a pesca fantasma.



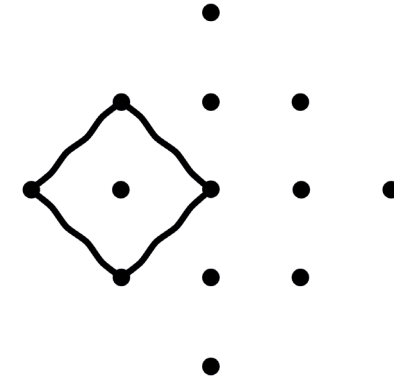
deriva



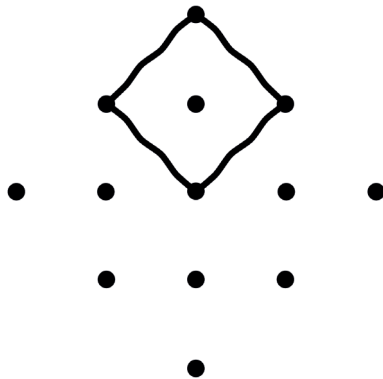
A **cultura oceânica** é a essência, ou seja, o sentimento de pertencimento e conscientização dos oceanos.



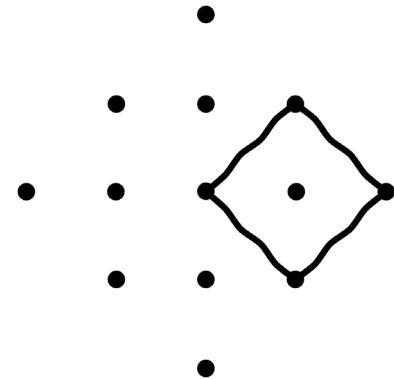
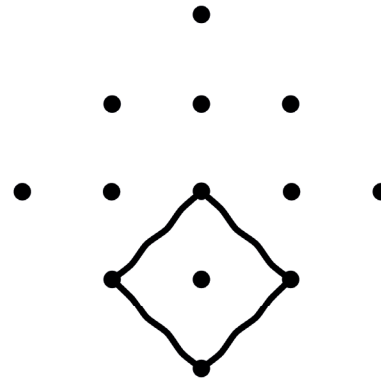
O **pescador artesanal** é o protagonista e centro de tudo



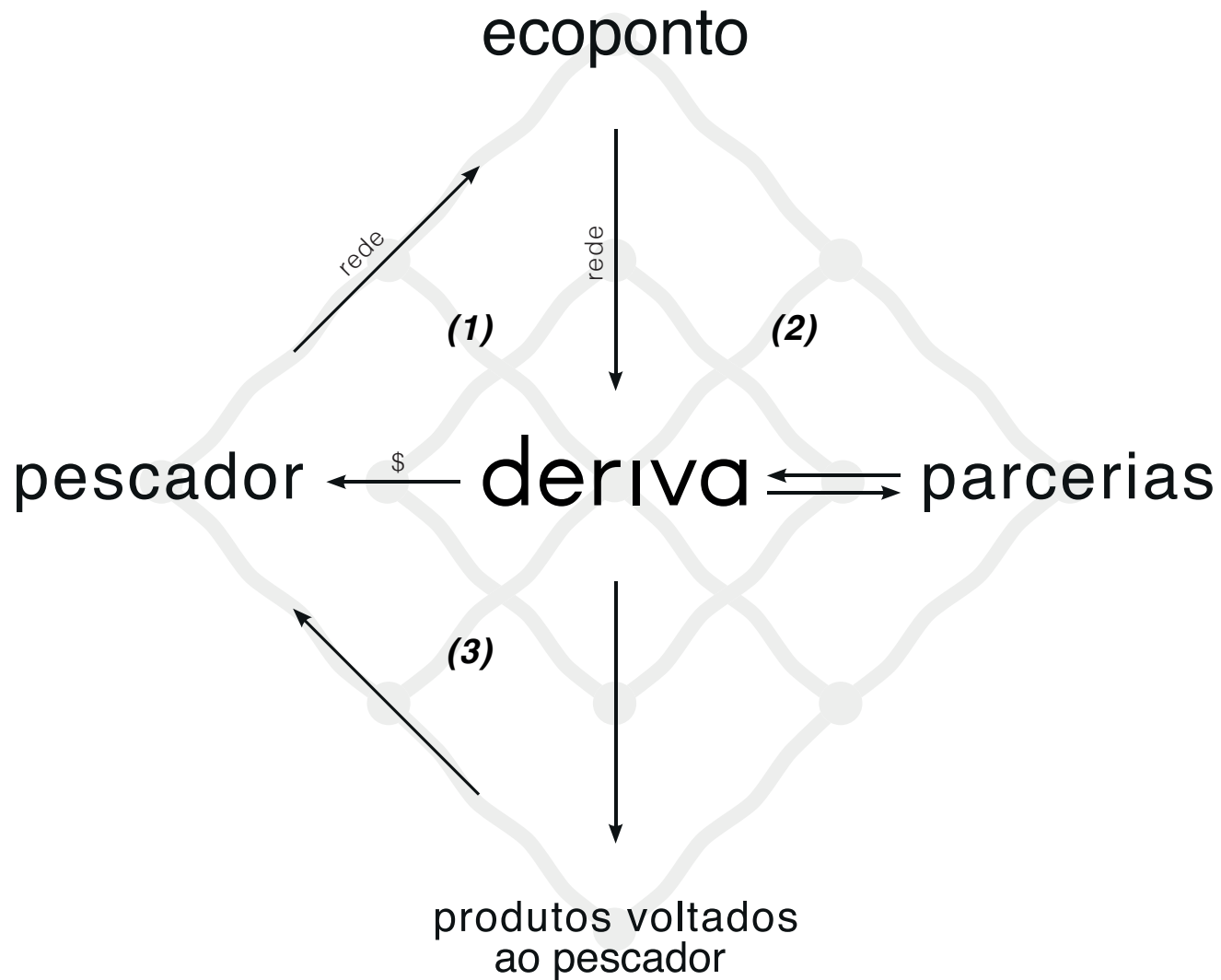
A **reciclagem** é o principal processo.



A **rede de pesca** e o **nylon** derivado dela são a matéria prima.



O pensamento do **design** é o catalisador para gerar essas conexões e viabilizar o serviço entre todas as pessoas e setores envolvidos.

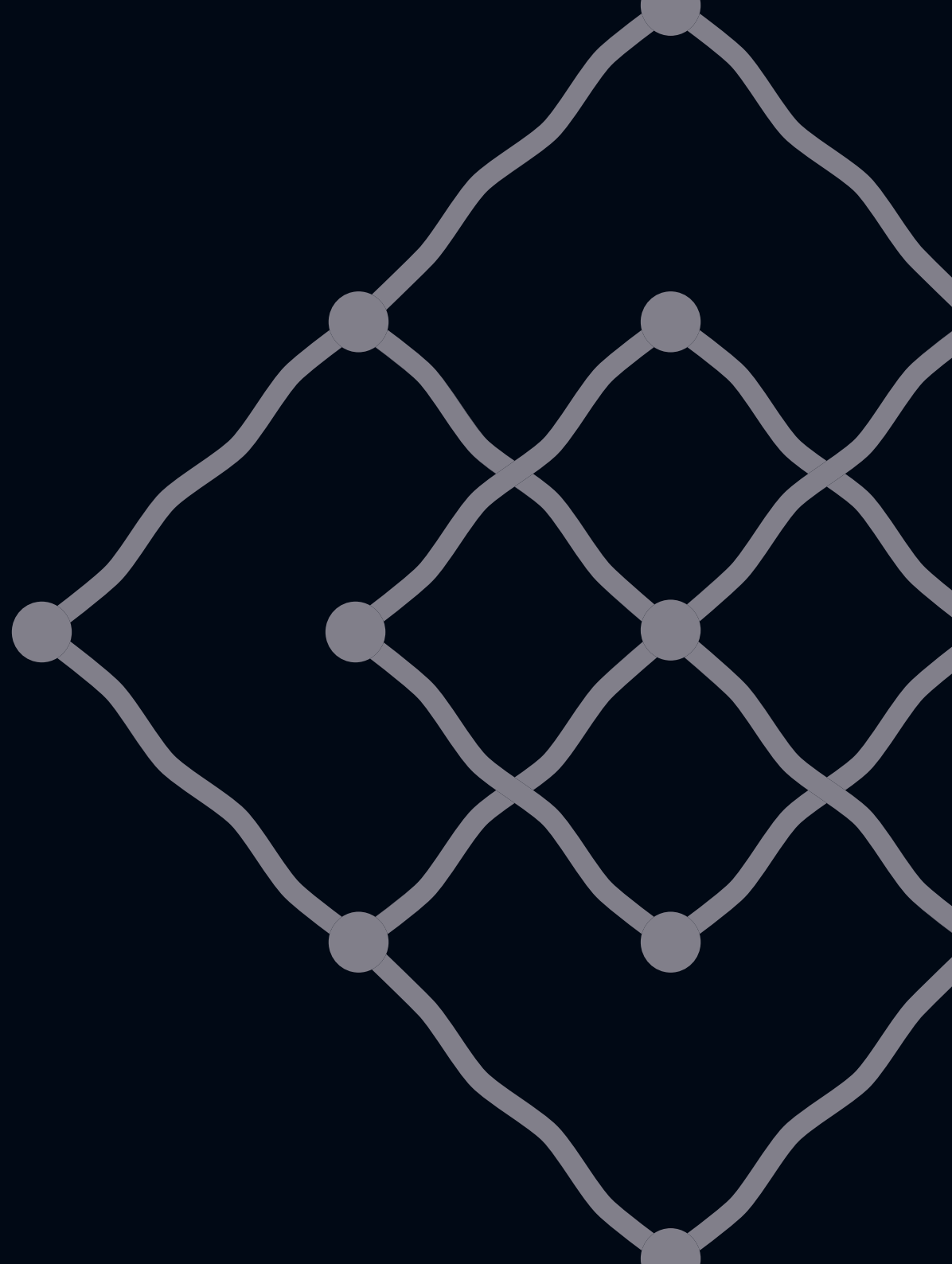


Nosso serviço é composto por três atuações, sendo elas:

- (1) coleta das redes,
- (2) parcerias com grandes instituições
- (3) desenvolvimento de produtos voltados para o pescador.

A primeira etapa consiste na distribuição de ecopontos em 4 colônias de pesca pelo litoral do Rio de Janeiro - Recreio, Quebra Mar, Copacabana e Niterói - para que seja possível a coleta das malhas de rede. O objetivo é que os pescadores depositem as redes dentro dos Ecopontos e assim sejam recompensados monetariamente por tal atitude. Além disso, muitas pessoas passam diariamente pelos arredores das colônias, sendo assim, esse local também consiste em uma forte oportunidade para se comunicar e conscientizar o público que por ali transita. Dessa forma, essas áreas não só representam um espaço para o devido descarte das malhas, como também um espaço para divulgação do tema.

A partir do material coletado, as malhas são trituradas e transformadas em novos produtos, divididos em 3 frentes. A primeira frente consiste no desenvolvimento de produtos em parceria com empresas, instituições ou fundações, que sejam engajadas ou tenham um viés socioambiental. Por meio dessas parcerias é possível viabilizar financeiramente a atuação da nossa segunda frente: produtos que fortaleçam, beneficiem e profissionalizem os pescadores artesanais. Por último, nossa terceira frente, que consiste na união das duas últimas: produtos que poderíamos comercializar com um público amplo e ao mesmo tempo melhorar a atividade do pescador.



parcerias

Tendo em vista as empresas e instituições que compartilham dos mesmos ideais que o Estúdio Deriva, nosso primeiro local de atuação foi no Aquário Marinho do Rio.

O AquaRio, aquário localizado na zona portuária do Rio de Janeiro, foi inaugurado em 2016, se tornando o maior aquário da América Latina. Ele abriga mais de 8 mil animais marinhos e 350 espécies diferentes, um local para se inteirar e adquirir conhecimento sobre a vida nos oceanos.

Por que o AquaRio?

O AquaRio exerce um valor ambiental significativo por meio de suas atividades e iniciativas, é um espaço que promove a educação sobre a conservação dos ecossistemas marinhos, alcançando principalmente o público infantil e famílias. Por ter parcerias com instituições acadêmicas e científicas, o AquaRio se tornou um centro de referência no desenvolvimento de estudos e projetos sobre a vida marinha.

Um dos pilares do Deriva é promover a conscientização sobre a problemática da pesca fantasma e o risco que ela oferece ao ecossistema marinho, diante do reconhecimento que o AquaRio recebe, tornou-se um parceiro em potencial para compartilhar essa causa.



Certificados:



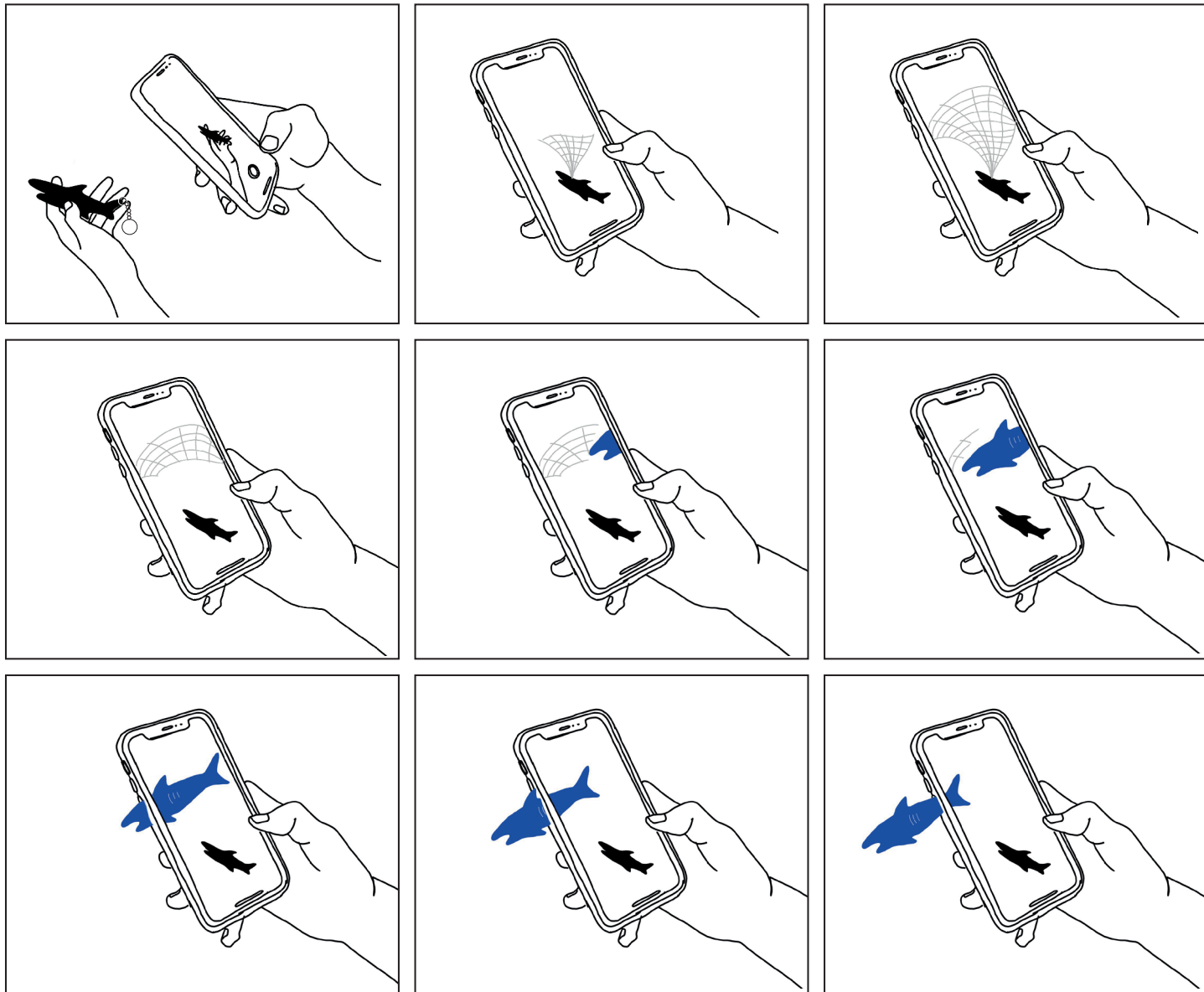
O que o Deriva está oferecendo?

Produtos relacionados ao AquaRio que tenham uma narrativa construída em prol da divulgação e conscientização sobre a Pesca Fantasma. Esses produtos comunicarão, também, o envolvimento do aquário com projetos socioambientais externos, mostrando ser um espaço aberto a temas de âmbito educacional que não necessariamente já fazem parte do conteúdo do aquário.

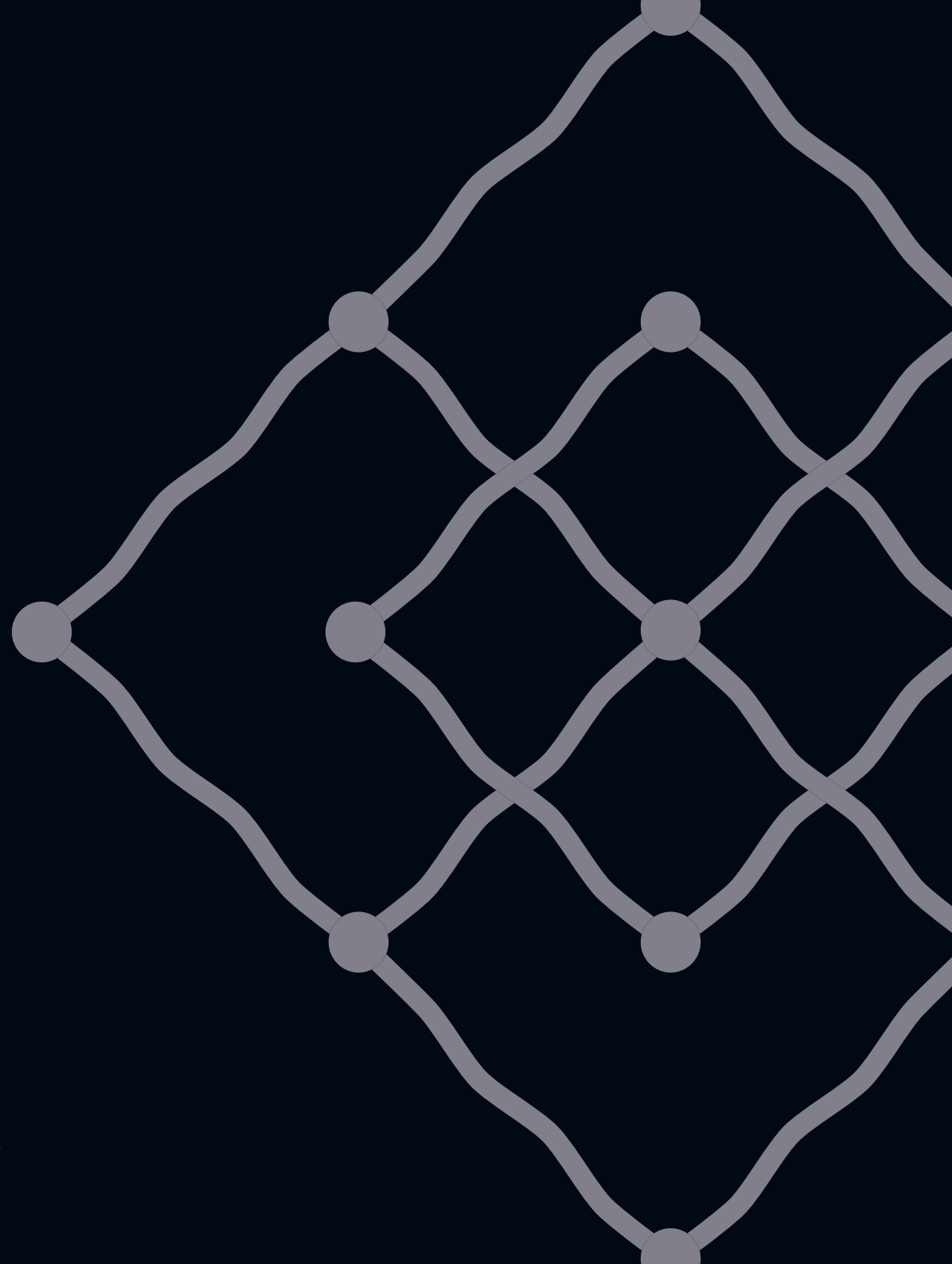
Com isso, o primeiro produto desenvolvido foi o chaveiro de tubarão, feito a partir do nylon das redes. O chaveiro foi idealizado para ser comercializado na loja do AquaRio e seu formato inspirado nos animais simbólicos da instituição. Além disso, o souvenir conta com a interação digital ao apontarmos a câmera em sua direção. Enxergamos essa interação como um meio de engajamento do público e também uma maneira de divulgação não só do aquário, como também do projeto, e o mais importante: da problemática da pesca fantasma. Toda a comercialização do chaveiro é acompanhada da comunicação, na qual informa sobre o tema, os impactos gerados por ele e sobre a utilização do nylon reciclado para a produção do objeto.

chaveiro = aprox. 7g de nylon





Representação do fluxo da interação digital



produtos: pescador

◆ sistema de sinalização atual

Como foi citado anteriormente, uma das principais causas para a perda e danificação de petrechos de pesca é a má sinalização, ou até mesmo a falta dela. Percebeu-se através da observação participante e entrevistas, que a bandeira utilizada atualmente pelos pescadores artesanais nas colônias é feita pelos próprios pescadores, de maneira artesanal, reutilizando materiais que estão geralmente à sua disposição, como o isopor, o bambu e o saco plástico. Esse sistema não só é ineficaz para sinalizar, como também trata-se de uma ameaça ao ecossistema marinho, devido às micro-partículas do isopor, que são eliminadas de pouco em pouco nos mares.



◆ sistema de sinalização - deriva

Dessa forma, para reduzir a perda das redes, foi desenvolvido um sistema de sinalização, na qual a boia, feita de nylon reciclado, é acoplada a uma haste de metal e uma bandeira no seu topo. Esse sistema representa um retorno imediato para os pescadores, uma vez que profissionaliza e garante uma maior sinalização de seu material, além de contribuir no combate à pesca fantasma.



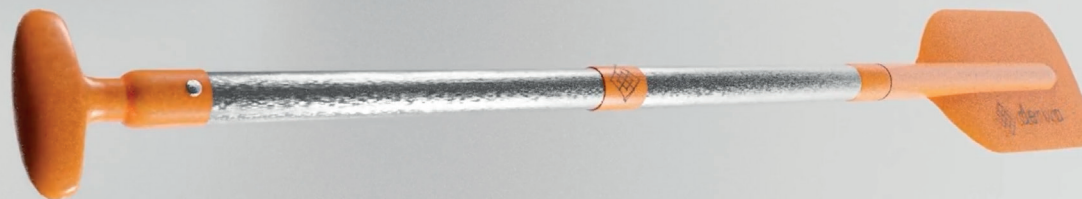
◆ remo atual

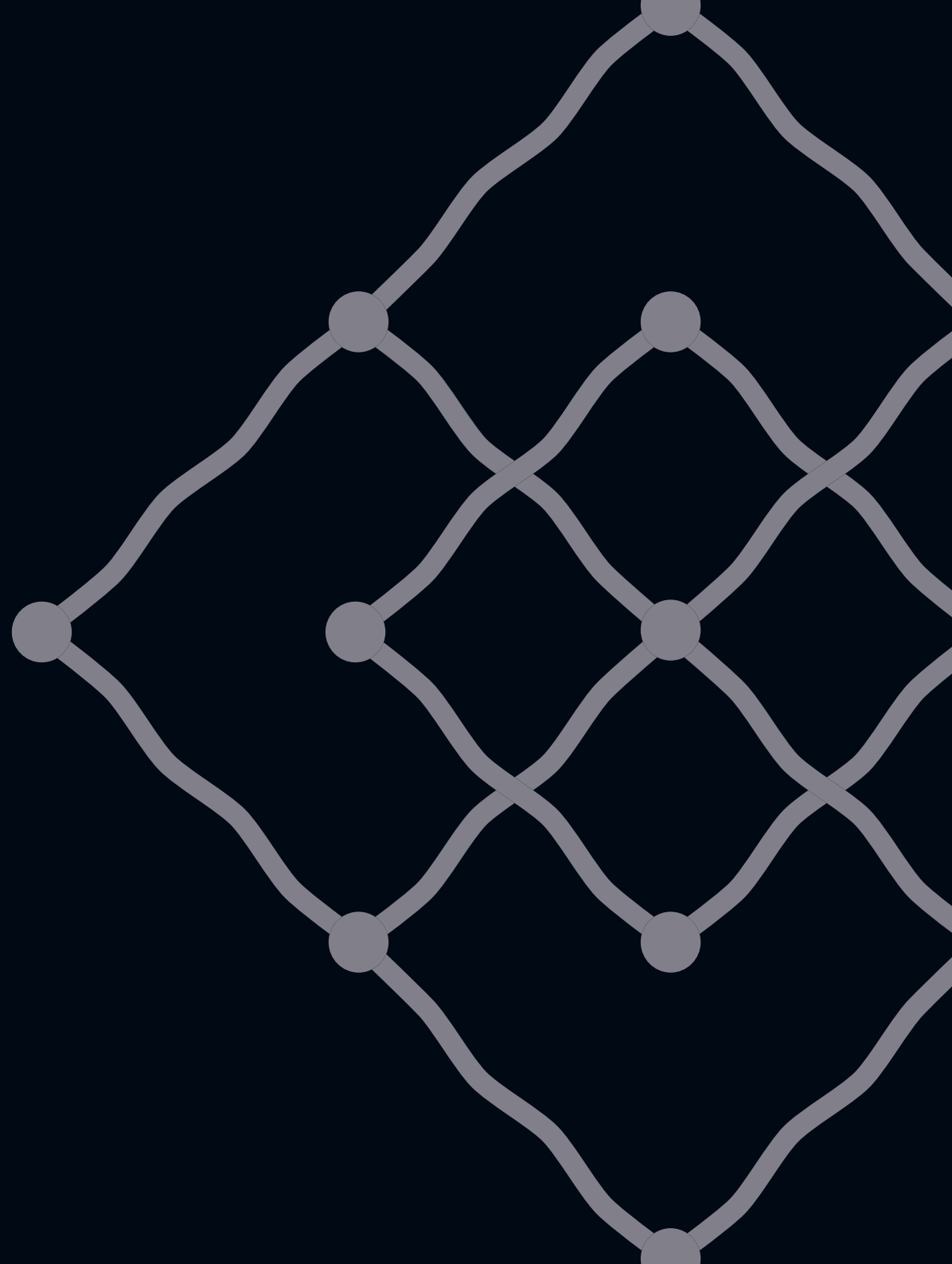
O remo é um elemento de segurança essencial no barco de qualquer pescador. Percebeu-se, entretanto, que o remo utilizado atualmente por eles é um remo rústico feito de madeira. Além de ocupar muito espaço nas embarcações, compreendemos que esse equipamento poderia ser projetado de maneira mais efetiva e segura, visando a produtividade e segurança do pescador.



◆ remo - deriva

Dessa forma, o Deriva desenvolveu um remo no modelo telescópico, ou seja, sua haste de alumínio é retrátil, enquanto suas extremidades são feitas a partir do nylon reciclado. Com isso, o remo ocupará menos espaço nos barcos e terá uma maior resistência e efetividade quando utilizado. Essa ferramenta consiste, então, na terceira abordagem do estúdio: um produto pensado para os pescadores, mas com a possibilidade de ser comercializado para outros públicos.





experimentações

experimentos

No processo de desenvolvimento e experimentação dos produtos, fez-se necessário iniciar por uma abordagem tangível dentre as três propostas de objetos. Para viabilizá-lo, decidimos iniciar pelo chaveiro. Essa escolha se deu pelo fato de apresentar, entre os propostos, menores dimensões, tornando-o mais adequado e viável para a fase inicial do projeto - que envolve série de testes, repetições e correções. Além disso, ainda em comparação aos outros, a confecção de um molde de acrílico para o chaveiro seria relativamente mais simples e acessível inicialmente - podendo ser realizada pelo grupo por meio da infraestrutura dos laboratórios da PUC.

Dando continuidade, o processo do chaveiro envolveu diferentes maquinários e etapas - porém este só foi possível devido ao auxílio do professor Bruno Temer, que abriu as portas de sua casa e disponibilizou sua oficina para o grupo, demonstrando apoio ao longo de todo o tempo que esteve conosco. Não só nos ofereceu sua casa como local de trabalho, como nos proporcionou orientação e suporte constante, além de explicar cuidadosamente o modo de uso de cada máquina. Sua assistência e orientação nos guiaram durante todo o processo.

Seguindo suas orientações, testamos diferentes modos de derreter e gerar um material reciclado, mantendo as suas propriedades preservadas. Inicialmente, derretemos o nylon utilizando o soprador térmico, que gerou um resultado negativo, pois além de ser inconveniente para uma produção em larga escala, queimava o material facilmente, fazendo com que perdesse suas propriedades. Posteriormente, tentamos de diversas maneiras derreter o nylon utilizando fornos caseiros e indus-

triais, assim como prensas de ferro quente - domésticas como o ferro de passar e industriais como a prensa térmica presente nos laboratórios da PUC. Surpreendentemente, o material quase não sofreu alteração, o que nos causou estranhamento, pois foi exposto durante longos intervalos de tempo e a altas temperaturas, provando a exímia resistência do material.



experimentos

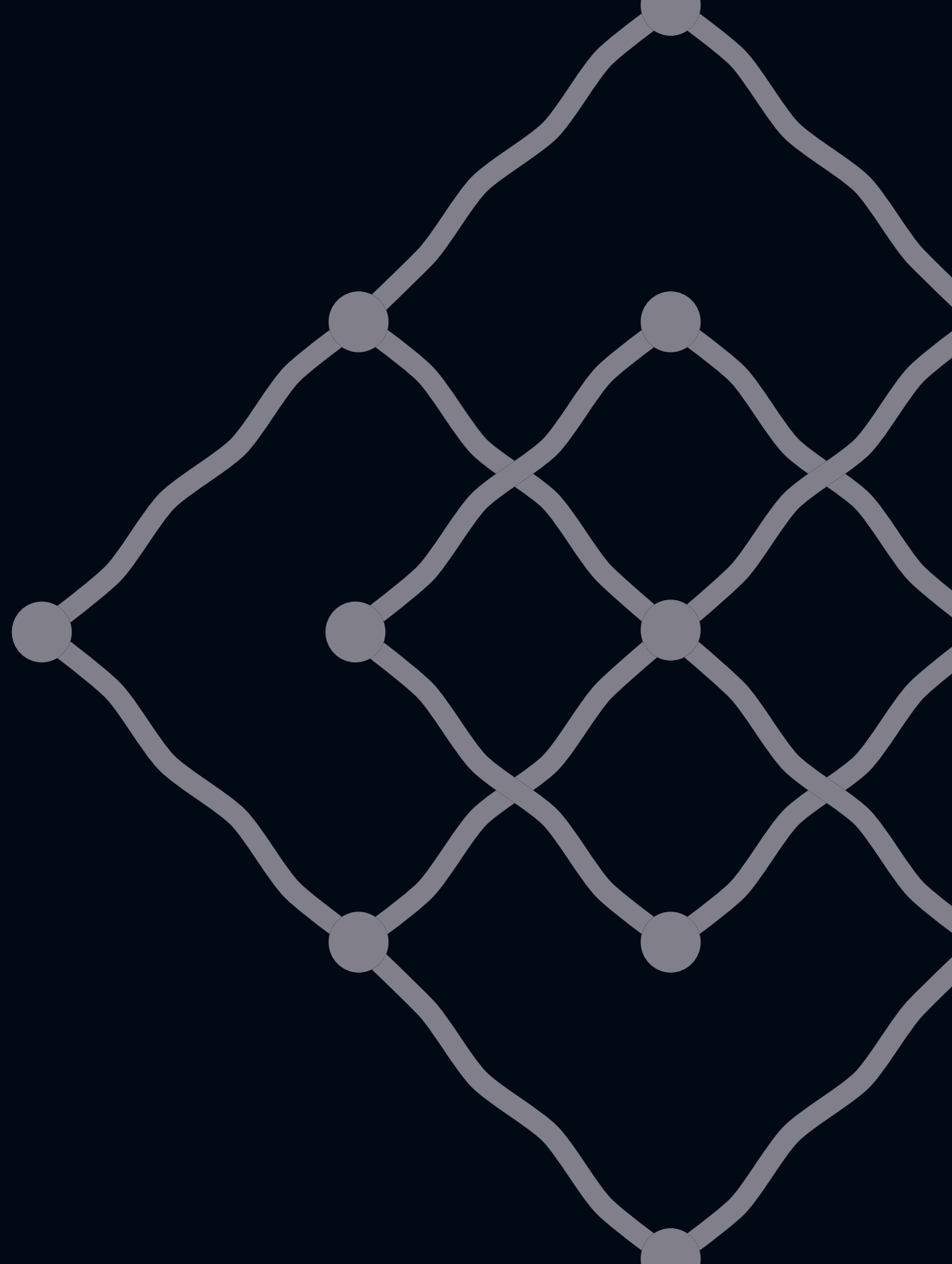
Finalmente, decidimos utilizar máquinas voltadas especificamente para o derretimento, trituração e reciclagem de plásticos em geral. As máquinas da Precious Plastic foram a última etapa de experimentação do projeto até obter um resultado positivo para a reciclagem do nylon 4. Começamos experimentando com a extrusora, máquina que geralmente recebe pallets para a reciclagem e tem um sistema de expulsão do material automático e constante; a regulagem da temperatura dessa máquina dificultou bastante o processo, se provando uma barreira para a sua utilização. Por fim testou-se a injetora, que se provou a melhor opção.

O processo se dá, então, da seguinte forma: inicialmente, as redes são cortadas em pequenas malhas e, em seguida, submetidas à trituradora. Essa etapa tem como objetivo aumentar a superfície de contato do material, além de torná-lo apto para ser despejado na injetora através da transformação do plástico em pequenos fragmentos de nylon.

Esses fragmentos são então levados para a injetora, máquina capaz de aquecer o material em altas temperaturas. O aquecimento promove a fusão do nylon, por volta de 267°C, transformando-o em um plástico em estado pastoso. Paralelamente, o molde de acrílico do chaveiro é posicionado na saída da máquina, possibilitando que, a partir da saída do material, ele preencha o molde de forma homogênea. Assim notamos, então, a realidade da produção do nosso chaveiro se aproximando, uma vez que, quando preenchido o molde corretamente, estava feito o chaveiro - pronto, à espera da introdução de elos e argolas para, enfim, cumprir a proposta.

Quanto à produção dos outros produtos, compreende-se que as áreas de inserção do nylon passariam por um processo similar ao do chaveiro, como citado, a partir da trituração, fusão e injeção. No entanto, utilizariam uma quantidade consideravelmente maior de material - mais um ponto positivo, já que há ainda maior potencial de espaço para a reciclagem do nylon.





impacto gerado

◆ já estamos impactando

Encerramos o período com a consciência de que o projeto encontra-se em sua fase inicial, havendo a necessidade do fechamento e concretização de diversos detalhes, e reconhecendo que há um longo caminho para percorrermos a frente para que o projeto possa de fato ser viabilizado.

No entanto, ao final deste período, fomos surpreendidos positivamente com o impacto já gerado em tão curto período de tempo. Trabalhando em parceria com o pescador Paulinho, em menos de um mês conseguimos receber aproximadamente 500 metros de rede em nosso Ecoporto localizado na área do Recreio - o que nos enche de motivação para darmos continuidade ao nosso propósito, sendo um forte indicativo do potencial transformador do projeto.

Ao refletirmos sobre os resultados alcançados até o momento, não podemos deixar de notar os benefícios que serão gerados assim que o projeto estiver efetivamente em prática. Reconhecemos o grande desafio que o combate à pesca fantasma é por si só e a necessidade de abordar a questão de maneira realista, mas visualizamos também um forte potencial transformador na implementação deste projeto. De impactos expressivos, dada sua continuidade. Temos como objetivo a redução significativa desse problema e possibilitar o início de uma grande mudança deste cenário - propomos soluções viáveis, visando minimizar seus danos, e buscamos criar um futuro com espaço para conscientização e conservação. Que os oceanos sejam protegidos, os ecossistemas preservados e que as comunidades pesqueiras prosperem de maneira sustentável.



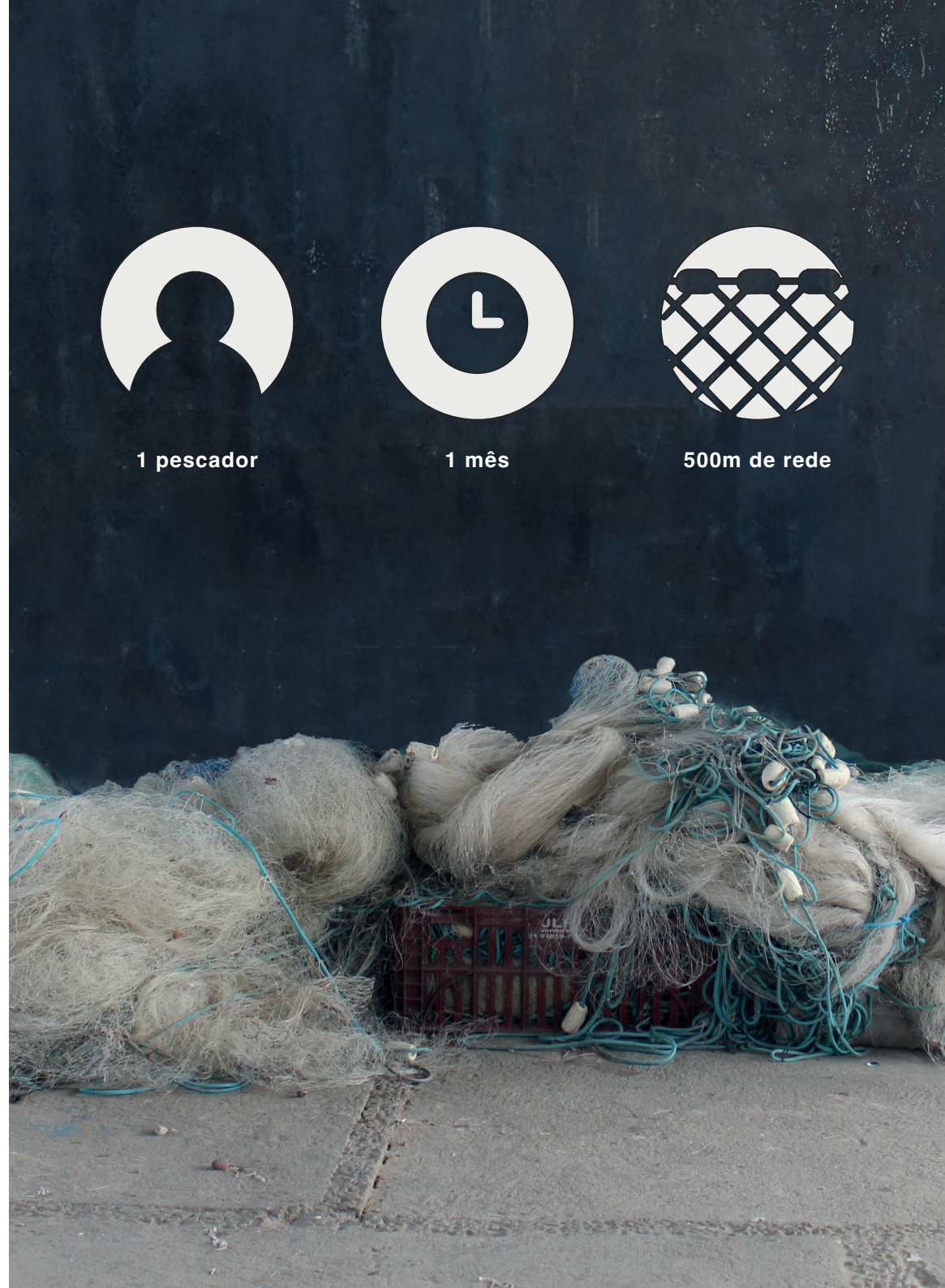
1 pescador



1 mês



500m de rede





depoimentos

Daniel Furtado

Comecei a estagiar em janeiro e, por isso, fiquei com receio de como seria esse semestre com tantas demandas e, principalmente, se conseguiria desenvolver bem o projeto. Ao longo do período, percebi que projeto foi a disciplina que realmente me motivava e que eu queria focar de verdade. Então, apesar de ter sido muito difícil toda a temática e o problema que escolhemos seguir, sempre que eu conseguia parar para me dedicar para o projeto era o momento mais “leve” para mim, não era algo arrastado. Algo que colaborou muito para isso foi a união e parceria formada pelo grupo, fiquei muito feliz e grato por estarmos juntos nessa.

Sinto que aprendi muito nesse semestre em diversos aspectos. Amadureci meu olhar para projetos de design ao entender a importância da observação e da escuta ativa; ao mapear de forma mais aprofundada as relações e fluxos existentes em determinado local; ao buscar propor soluções que vão além de um produto e que possuem uma lógica estratégica para implementação. Além disso, definitivamente me ajudou a me desenvolver em trabalhos em equipe, tanto no quesito organização quanto no quesito de ouvir e dar espaço para o outro.

Eduardo Vanzin

Durante esse semestre, tive a oportunidade de continuar um projeto que havia se iniciado no período anterior, no projeto 4. Ter a possibilidade de retomar uma pesquisa inacabada e ainda continuar com o mesmo grupo de amigos foi uma ótima oportunidade. Para começar a desenvolver o projeto, percebemos que seriam necessários outros integrantes no grupo, levando em consideração a dimensão do tema. Com o grupo completo, passamos por uma nova fase de pesquisas, tentando evitar qualquer visão preestabelecida sobre o tema, pois a abordagem ao problema teria que ser nova para chegarmos a um projeto coerente e executável.

O processo foi intenso, de muita pesquisa e experimentação, mas ao mesmo tempo prazeroso e de muito aprendizado. Foi muito bom poder colocar mais “a mão na massa” e entender como os processos de um projeto complexo ocorrem na prática. Posso dizer seguramente que percebo a evolução desde o início do período. Gostaria de agradecer aos professores Augusto e Cláudio pela orientação, assim como aos meus amigos Daniel, Fernanda, Julia C. e Julia M. pela parceria.

Fernanda Scarpa

Na disciplina DSG1815, pude ter a oportunidade de continuar um projeto que se iniciou no período passado, o que foi muito gratificante mas, de certa forma, desafiador. Para que o projeto crescesse foi importante se desvencilhar de ideias construídas no passado, um exercício constante de tentar compreender o que faz sentido para esse momento, o que é de fato relevante e o que era apenas luxo do ego. Além de querer fazer dar certo, por acreditar no projeto Deriva, a proposta da disciplina de concretizar algo me colocou em situações que me fizeram crescer profissionalmente. Certas situações exigem certas posturas, e foi através das vivências durante as pesquisas e nas conversas com os professores, Augusto e Cláudio, que consegui enxergar o que poderia ser melhorado. Gostaria de ressaltar também, a importância de se criar uma relação boa com o grupo de trabalho, felizmente tive oportunidade de construir esse projeto com pessoas envolvidas e engajadas, essa troca me fez evoluir.

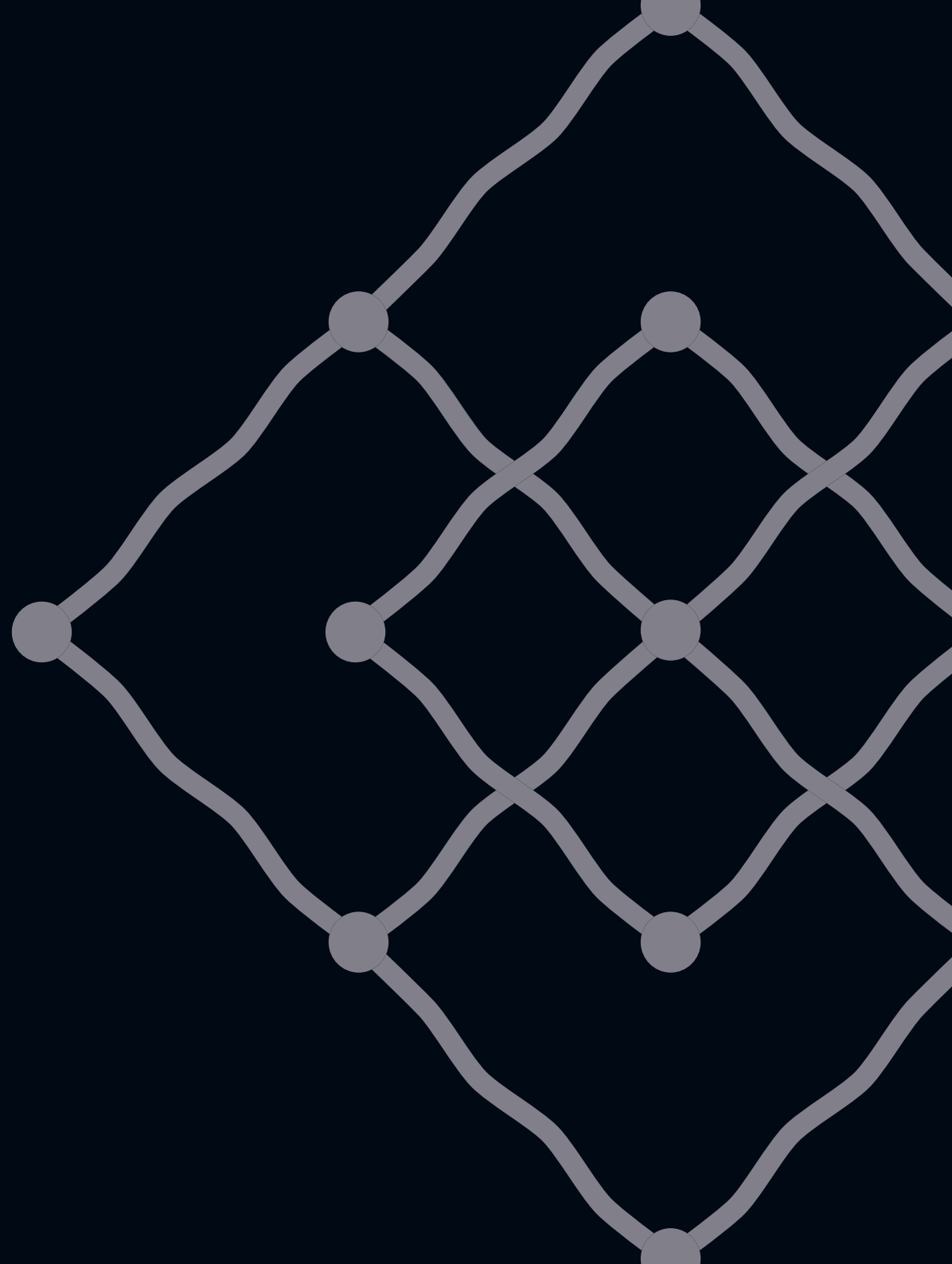
Julia Cordeiro

Projetar para Concretizar foi um projeto desafiador da melhor maneira possível. Foi justamente a complexidade que abordamos e cada etapa que enfrentamos que tornaram a experiência da disciplina tão enriquecedora. Ao olhar para trás, e enxergar todo o desenvolvimento de nosso projeto, percebo como a disciplina contribuiu significativamente para o meu amadurecimento, tanto pessoal como acadêmico. Pude desenvolver a metodologia de estratégia e gestão no pensamento projetual, pela qual sempre tive interesse, principalmente devido à autonomia que nos foi concedida durante todas as aulas. Dessa forma, pude também me aproximar cada vez mais da realização de projetos do mercado de trabalho. Nos acrescentou, além de individualmente, também como equipe, ao passo em que precisávamos gerir decisões em grupo, dividir funções e garantir que nosso projeto estivesse alinhado com os objetivos estabelecidos. Foi uma troca e experiência marcantes para o meu ciclo acadêmico, as quais me proporcionou ensinamentos que levarei para a minha vida.

Julia Mendes

Ao encerrar o período e olhar para o início do projeto, consigo enxergar o tamanho amadurecimento que houve ao longo desses meses e perceber como a disciplina fez, indubitavelmente, jus ao seu nome; Projetar para Concretizar. Pude amadurecer minha abordagem ao planejar, projetar e desenvolver. Ter clareza aos detalhes e requisitos de cada etapa necessária para a execução, desde sua concepção até implementação. Acredito que justamente por isso, em que foi possível sentirmos a autonomia de conduzir um projeto por todas suas fases, que este seja o projeto que pretendemos todos do grupo levar adiante.

Além disso, gostaria de adicionar que, por não estar na PUC período passado, entrei numa sala onde poucos conhecia e, desde o primeiro instante, desenvolvemos uma dinâmica de grupo muito sólida, de confiança e respeito mútuo. Formamos uma equipe mesmo. Foi uma ótima união, que permitiu com que cada um, com maiores interesses em diferentes áreas, agregasse ao projeto seus conhecimentos e habilidades da sua forma. Essa gama de perspectivas e experiências foi extremamente enriquecedora para nosso desenvolvimento, acrescentando uns aos outros.



agradecimientos

agradecimentos

Gostaríamos de agradecer a todos os colaboradores que contribuíram para a evolução do projeto, começando por **Guilherme Toledo** e **Joana Pessoa**, seguindo para **Paulinho**, **Luís Coutinho** e **Renato Carreira**. Durante as fases de experimentação e pesquisa de materiais não poderíamos deixar de agradecer ao **Arian** e ao **Bruno Temer**, que foram essenciais para que compreendêssemos melhor o mundo da reciclagem de plásticos, fornecendo uma base sólida e necessária sobre o conteúdo. Dentro da PUC, somos gratos ao **Gil** e à equipe de funcionários dos laboratórios **LAMP** e o **PRELO**, de grande suporte a nós.

Por fim, não poderíamos deixar de expressar nossa gratidão aos professores que nos orientaram ao longo de todo esse período: **Augusto Seibel** e **Claudio Werneck**. Sua paciência, apoio e disponibilidade a todo momento foram essenciais para o crescimento e desenvolvimento do nosso projeto.

Juliette Florence
Beatriz Mattiuzzo
Miguel Mello
Leonardo Jarlicht
Luiz Miguel Casarini
Caio Salles
Monique Roque
Maria Fernanda Bastos
Filipe Oliveira
Ricardo Vivian
Gilberto Alves

